



SEÇÃO DOSSIÊ / ARTIGO ORIGINAL

## Juventude e Teologia Comunicativa: como refletir sobre a fé com os jovens de hoje?

*Youth and Communicative Theology: how to reflect about faith with today's young people?*

**Aline Amaro da Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6467-7262](https://orcid.org/0000-0001-6467-7262)  
[aline.amaro@acad.pucrs.br](mailto:aline.amaro@acad.pucrs.br)

**Recebido em:** 11 mar. 2020.

**Aprovado em:** 7 abr. 2020.

**Publicado em:** 5 nov. 2020.

**Resumo:** As mudanças na comunicação marcam de tal maneira a humanidade que fazem nascer uma nova geração com sua própria forma de pensar, expressar e viver. Em vista disso, este artigo propõe um diálogo entre juventude atual e teologia comunicativa, tendo como questão norteadora: qual seria o melhor caminho para os jovens pensarem sobre a sua fé? Temos como premissa a juventude digital como lugar teológico fundamental para compreender a dinâmica da fé na sociedade em rede. A teologia comunicativa é apresentada como alternativa para essa caminhada de reflexão teológica juvenil, por ter sintonia com aspectos da cultura digital, tais como a interatividade e o espírito colaborativo. Este trabalho segue a metodologia da pesquisa exploratória e bibliográfica. No estudo das gerações digitais e de seus contextos, temos como referencial teórico Michel Serres, Sidnei Oliveira, Don Tapscott e Lucia Santaella. A teologia comunicativa será fundamentada com as obras de seus criadores, Bernd Jochen Hilberath e Matthias Scharer, e de sua fonte inspiradora, o método de "Interação Centrada no Tema" de Ruth Cohn. A juventude contemporânea só encontrará a fé em experiências que oportunizem espaços de partilha, reflexão e diálogo, onde ela possa se expressar e ser protagonista da transformação social e eclesial.

**Palavras-chave:** Juventude. Teologia Comunicativa. Cultura digital. Ruth Cohn. Comunicação.

**Abstract:** The changes in communication mark humanity in such a way that it gives birth to a new generation with its own way of thinking, expressing and living. In view of this, this article proposes a dialogue between current youth and communicative theology, with the guiding question: what would be the best way for young people to think about their faith? We have as premise the digital youth as a fundamental theological place to understand the dynamics of faith in the network society. Communicative theology is presented as an alternative to this journey of youth theological reflection, as it is in tune with aspects of digital culture, such as interactivity and the collaborative spirit. This work follows the methodology of exploratory and bibliographic research. In the study of digital generations and their contexts, we have Michel Serres, Sidnei Oliveira, Don Tapscott and Lucia Santaella as their theoretical framework. Communicative theology will be based on the works of its creators, Bernd Jochen Hilberath and Matthias Scharer, and from its inspiring source, Ruth Cohn's "Theme Centered Interaction" method. Contemporary youth will only find faith in experiences that provide opportunities for sharing, reflection and dialogue, where they can express themselves and be protagonists of social and ecclesial transformation.

**Keywords:** Youth. Communicative Theology. Digital Culture. Ruth Cohn. Communication.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

A juventude só foi reconhecida e distinguida da infância e fase adulta no fim do século XVIII. Já na era industrial, a fase escolar e a universitária estenderam o tempo formativo, pois começou a se investir no ensino de novos ofícios aos jovens, o que acabou postergando a passagem deles para o mundo adulto (CÔRREA NETO, 2013, p. 31-32). A juventude passa a existir como cultura e grupo social, a partir dos anos 1940 nos Estados Unidos, com o processo de escolarização em massa. Na década de 1950, a juventude é identificada como nicho de mercado e passa a ser alvo do comércio. Em 1960, a juventude estudantil passa a ser reconhecida como uma poderosa força de mudança política e social (RIBEIRO, 2011, p. 101-129).

Ser jovem na contemporaneidade não quer dizer necessariamente estar em uma determinada faixa etária entre a infância e a fase adulta. Agregou-se outras significações, como estilo de vida, cultura, espírito aberto, dinâmico e livre. Como o Papa Francisco mesmo descreve, é "típico do coração jovem estar disposto a mudar, ser capaz de levantar-se e deixar-se instruir pela vida" (*Christus vivit* 12). Percebemos que diversos jovens atuais não se encaixam nessa definição, ao contrário, possuem posturas mais fechadas, intolerantes ou introspectivas. Por isso, não podemos falar juventude no singular, mas juventudes no plural, pois nos deparamos na era digital com diversos perfis juvenis influenciados por diferentes fatores.

Então, de que juventude estamos falando? Precisamos estabelecer critérios para definir o que entendemos por juventude. Em nossas considerações, vamos dar ênfase às características comunicacionais e geracionais que jovens de todas as partes do mundo compartilham na era digital porque, através da *internet*, pela primeira vez na história, constatamos a existência de uma mesma geração de jovens em escala planetária. Assim, entendemos os nativos digitais como "sinais dos tempos", paradigma da sociedade em rede, juventude global hipercomunicativa.

Existe um grande abismo cultural, compor-

tamental e de visão de mundo das gerações pré-digitais; constatamos esse mesmo hiato na pedagogia de diversas estruturas sociais como instituições de ensino, trabalho, religiosas. Assim como as demais áreas do saber, a teologia, preocupada com a prática cristã e seu papel na sociedade, tem o desafio de encontrar novos meios de dialogar, propor e refletir sobre a fé com este novo sujeito eclesial e social.

Sendo assim, o artigo é dividido em cinco seções. O primeiro tópico desenvolve a ideia de que o jovem atual é, não apenas um modelo do ser humano da era digital, mas também um lugar teológico essencial para se pensar a ação de Deus na vida contemporânea. A segunda seção faz uma contextualização juvenil a partir do estudo comparativo entre as eras comunicativas e as características das seis gerações presentes na sociedade. O terceiro ponto descreve as principais formas de abordar a relação entre comunicação e teologia. A quarta parte apresenta o método de "Interação Centrada no Tema" de Ruth Cohn que serve de base metodológica à criação da teologia comunicativa. Por fim, a quinta seção mostra a teologia comunicativa como uma alternativa para construir com os nativos digitais um conhecimento reflexivo e vivencial sobre a fé cristã.

Esta pesquisa exploratória e bibliográfica tem sua fundamentação teórica nos autores Michel Serres, Sidnei Oliveira, Don Tapscott, no que diz respeito ao estudo das gerações digitais, e em Lucia Santaella, referente às culturas comunicativas passadas e presentes na sociedade. A teologia comunicativa é elucidada pelo trabalho de seus fundadores, Bernd Jochen Hilberath e Matthias Scharer, bem como pelo legado intelectual de Ruth C. Cohn.

O presente artigo indica a Teologia Comunicativa como um caminho para facilitar a aproximação, a interação e a construção colaborativa de saberes entre os nativos digitais e os atuais educadores na fé. Propomos uma metodologia participativa de reflexão teológica, seja em âmbito acadêmico ou pastoral, que aceita o protagonismo dessa geração e seu jeito próprio de se relacionar com Deus e com as pessoas.

## 1 O jovem como paradigma do nosso tempo e lugar teológico

A juventude é notícia em todas as mídias, ícone da propaganda de qualquer produto e alvo da maioria dos apelos publicitários, causa de diversos sentimentos, muitas vezes, contraditórios: admiração, desprezo, desejo, repúdio. Existe hoje, uma exaltação da juventude por uma sociedade que quer ser eternamente jovem. Isso acaba tornando o comportamento das novas gerações parâmetro e influência para toda a sociedade. Mas é possível ver Deus no jovem? É possível perceber que Deus se manifesta na juventude digital? O Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) admite que:

Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as sementes ocultas do Verbo [...]. Entrar em contato com o "divino" da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado (CNBB, 2007, n. 80).

O Documento segue dizendo que a Igreja precisa achar meios para demonstrar ao jovem toda beleza, dinamismo e sacralidade que emanam da juventude, através de uma evangelização que torne possível ao jovem reencontrar o tesouro escondido no campo de sua alma e dialogar com o Deus que nele habita. Nos tempos atuais é preciso ver o jovem como um lugar teológico, isto é, interpretar a ação de Deus no mundo contemporâneo através de um ponto de vista juvenil.

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis. [...] amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas também

porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade (CNBB, 2007, n. 81).

Lugar teológico é um termo abordado na teologia fundamental, o conceito clássico foi elaborado por Melchior Cano para designar as fontes de informação das quais o conhecimento teológico é produzido. Cano dividiu em lugares próprios, como a Tradição e as Sagradas Escrituras, e lugares alheios, a ciência, a filosofia e a história, por exemplo. Com o tempo, essa expressão denotou também o "lugar" onde o teólogo se posiciona para obter um olhar diferenciado sobre Deus em relação a determinado aspecto da realidade (MICHON; NARCISSE, 2004, p. 1056).

A Igreja latino-americana já havia anteriormente declarado sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, em Medellín, 1968, confirmada em Puebla, 1979, e reafirmada em Santo Domingo, 1992, e em Aparecida, 2007 (RIBEIRO, 2011, p. 107-109). Nos últimos anos, a Igreja no mundo todo se engajou a pensar e a agir em prol da juventude, motivada pelos debates do Sínodo da Juventude de 2018 e pelos documentos produzidos a esse respeito, como a Exortação Apostólica *Christus vivit* do Papa Francisco. Nela, Francisco apresenta na figura de Jesus, o rosto jovem de Deus. "Ele é a verdadeira juventude dum mundo envelhecido, e é também a juventude dum universo que espera, por entre «dores de parto» (Rm 8, 22), ser revestido com a sua luz e com a sua vida" (*Christus vivit* 32).

A juventude tem um jeito próprio de refletir sobre a fé e expressar o Deus eternamente jovem que nele vive, de acordo com sua experiência de vida, cultura, horizonte de sentido e ambiente em que está inserido. Colocar o jovem como lugar teológico é uma tentativa de conjecturar a juventude contemporânea em sua acelerada transformação, pois compreender a geração Y e Z é compreender o mundo de hoje.

## 2 As eras comunicativas e as gerações digitais: contextualizando a juventude atual

Uma das formas de estudar a juventude de uma época é identificar suas características comunicacionais e relacionais. Cada geração possui uma

forma de pensar e se relacionar mais característica. Lúcia Santaella, comunicóloga brasileira, divide as culturas comunicacionais humanas em seis eras: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital. Essa classificação em seis culturas diferentes parece excessiva, no entanto, Santaella nos alerta que se não delimitarmos bem os conceitos e tempos, vamos perder percepções essenciais para diagnosticar o ser humano e a sociedade em que vivemos (SANTAELLA, 2003, p. 13-14).

[...] Há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. [...] em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente (SANTAELLA, 2004, p. 47).

Assim, constata-se que nenhuma cultura comunicativa se perde ou desaparece, elas vão se modificando na medida em que surgem novos meios. Entretanto, a mais recente e relevante forma de comunicação vai ditando as regras para as mídias anteriores e caracterizando aquele período da história humana. Embora convivam e estejam presentes simultaneamente na sociedade, essas culturas comunicativas desenvolveram características específicas. Talvez essa seja a razão de se formarem hoje tantas gerações diferentes em tão pouco tempo. Segundo Tapscott, a Geração Digital é a primeira geração global da história. Embora países e regiões tenham características culturais próprias, pela primeira vez, jovens de todo mundo compartilham de comportamentos e hábitos comunicativos semelhantes graças ao alcance global da *internet* (TAPSCOTT, 2010, p. 36).

Para melhor compreender a juventude digital, focaremos nessas três últimas eras comunicativas no contexto brasileiro em comparação com as seis gerações que convivem e se influenciam, lembrando que os períodos de cada geração são imprecisos, variam de país a país e de autor a autor. Os avós e bisavós das gerações digitais, que faziam parte da geração chamada *Belle Époque* (1920-1940), nasceram em meio à cultura de massa e viveram ainda a grande influência do jornalismo impresso brasileiro em que a palavra

escrita tinha muito valor. Depois a geração *Baby Boomers* (1945-1960) presenciou a época de ouro do rádio no Brasil e a influência do cinema e da música como expressão de uma cultura juvenil rebelde. Já a geração X (1960-1980) viveu o *boom* da comunicação televisiva, e deixou a babá eletrônica, a TV, entretendo e educando a primeira geração digital, a geração Y ou *Millenials* (1980-1999) (OLIVEIRA, 2010, p. 41-57). Então, as três gerações anteriores às gerações digitais, experimentaram diferentes fases da cultura de massa.

Um fator que se mostra relevante para se estudar as juventudes digitais é a evolução da *internet*. Assim como na evolução das mídias tradicionais, os formatos *web* anteriores não desapareceram quando novos surgiram, apenas foram modificando e aperfeiçoando seu uso. A primeira versão da *web* chamada de 1.0 foi criada em meados de 1989 por Tim Berners Lee (PATEL, 2013, p. 410-417). É uma *web* em que o usuário é limitado somente a leitura de conteúdo e compra de produtos oferecidos por grandes portais e empresas.

O marco de início da Web 2.0 é o surgimento dos *blogs* em 1997. A Web 2.0, participativa e centrada na pessoa, é desenvolvida para o compartilhamento de conteúdo entre usuários e mais colaborativismo, então, é nesse período que surgem as comunidades virtuais, *blogs* pessoais, redes sociais como Youtube e Facebook, *wikis* e *mashups* (BENITO-OSORIO; PERIS-ORTIZ; ARMENGOT; COLINO, 2013, p. 274-287). A Web 3.0 ou "Internet das Coisas" é o processo de automatização de sistemas econômicos e sociais baseado na comunicação entre máquinas, aliando inteligência humana e artificial. Iniciada em 2006, a Web 3.0 fornece informação semântica sensível ao contexto do usuário, navegação ágil e recursos para o refinamento da pesquisa. A Web 4.0 é a conexão atual, marcada pela tecnologia da *internet* móvel e caracterizada pela ubiquidade, pela simbiose e por agentes eletrônicos ultrainteligentes (PATEL, 2013, p. 416). A Web 5.0 ainda está em fase de desenvolvimento. Como fruto da tecnologia 5.0, uma tecnologia inteligente que busca criar computadores que interajam com os seres humanos, espera-se que esse modelo

de internet seja ainda mais aberto, inteligente, simbiótico, sensorial e desenvolva percepção das emoções e mudanças faciais humanas (BE-NITO-OSORIO, 2013, p. 277).

Logo, entre a Geração X e Y há transição da cultura de massa para a digital, momento que acontece o fenômeno da convivência das mídias que Santaella denomina cultura das mídias. Nesse período, cada mídia possuía o seu dispositivo específico – *walkman*, *discman*, telefone celular, *mp3 player*, gravador de áudio, câmera fotográfica, filmadora – e os jovens carregavam tudo isso em suas mochilas. Então, a Geração Y foi testemunha do surgimento da cultura digital e da evolução da *internet*. A Geração Z (1999-2010) é caracterizada pela *internet* móvel e pelo *smartphone*. Embora houvesse iniciado com a Geração Y, os jovens Z vivenciaram uma já bem desenvolvida convergência das mídias, isto é, a possibilidade de acessar todas as mídias em um só dispositivo, se beneficiaram da internet 3.0 e agora estão vivendo a internet 4.0. Já as crianças da geração Alfa (2011-) ainda não foram categorizadas no estudo juvenil, mas espera-se que se beneficiem da *internet* 5.0, que pretende desenvolver um sistema tecnológico mais humanizador.

Como as principais transformações comportamentais presentes na primeira geração digital, a geração Y, estão também presentes nas gerações posteriores, Z e Alfa, só que de forma mais intensa, vamos elencar essas características em comum das chamadas gerações digitais, sem se deter nas particularidades de cada uma delas.

Don Tapscott aponta algumas das principais mudanças no ecossistema social, consequências da Geração Net. Na família, a autoridade não está mais centralizada nos pais, agora ela é compartilhada entre pais e filhos, pois as crianças e jovens são *experts* em tecnologia digital. Esse reajuste nas funções de autoridade ocorre também no âmbito profissional e escolar, professores e alunos, chefes e funcionários precisam de uma nova relação colaborativa, pois ambas as partes possuem conhecimentos e experiências que as outras não têm e precisam partilhá-las para gerar melhores resultados (TAPSCOTT, 2010, p. 41-42). Devido à

sociedade multicultural, multiétnica, plurirreligiosa e pluralista em que cresceram, eles formam a juventude mais tolerante, aberta e menos preconceituosa da história (TAPSCOTT, 2010, p. 46).

Tapscott destaca, ainda, características e valores da Geração Net: Prezam a liberdade de escolha em todas as suas ações; querem personalização e apropriação em tudo o que fazem ou usam; são colaboradores naturais que gostam de conversar, se relacionar e contribuir, por isso não são mais meros consumidores, mas "*prosumers*", auxiliam empresas a melhorar os produtos e serviços que utilizam; analíticos e observadores, se tornaram bons investigadores devido às "*fake news*" e o grande volume de informações que circulam na rede; integros, procuram trabalhos e atividades que tenham coerência com aquilo que acreditam; buscam diversão e experiências interativas mesmo no trabalho e no ensino; vivem a vida em alta velocidade e em tempo real, a espera os torna ansiosos; são inovadores, pois desejam realizar sempre mais (TAPSCOTT, 2010, p. 48-51).

A respeito de suas capacidades cognitivas, Don Tapscott e Michel Serres concordam que as novas gerações podem ser consideradas mais inteligentes. Inundados de informação, os jovens digitais aprenderam como melhor processá-las, selecioná-las e categorizá-las, e tirar melhor proveito delas (TAPSCOTT, 2010, p. 43). Michel Serres acrescenta que a própria forma de pensar mudou, pois as ações mediadas pelas tecnologias e pela *internet* não ativam as mesmas zonas cerebrais e neurônios que a escrita e a leitura em papel (SERRES, 2013, p. 43). Além disso, com a facilidade e a rapidez que mecanismos como o Google trazem para a obtenção de informações pontuais, Serres acredita que as mentes dos jovens digitais são mais bem constituídas do que cheias, pois:

Não tendo mais que se esforçar tanto para armazenar o saber, pois ele se encontra estendido diante dela, objetivo, coletado, coletivo, conectado, totalmente acessível, dez vezes revisto e controlado; ela pode voltar sua atenção para a ausência que se mantém acima do seu pescoço cortado. [...] É onde reside a nova genialidade, a inteligência inventiva, a autêntica subjetividade cognitiva. A originalidade de nossa jovem se refugia nesse vazio translúcido, sob a agradável brisa (SERRES, 2010, p. 37-38).

Essa mudança cognitiva exige uma transformação nas formas pedagógicas utilizadas até então. É preciso formular uma pedagogia da rede.

O compartilhamento simetriza o ensino, os cuidados, o trabalho; a escuta acompanha o discurso; o reviramento do velho iceberg facilita a circulação nas duas vias do entendimento. O coletivo cuja característica virtual se escondia, arisco, sob a morte monumental, cede vez ao conectivo, realmente virtual (SERRES, 2010, p. 76).

Se o digital afeta a inteligência do jovem, altera também o modo de compreender e de viver a sua fé. Pensando nisso, buscamos novas formas e propostas de refletir sobre a fé com a juventude digital para que ela construa uma vida plena de sentido nos tempos hipercomunicativos.

### 3 As diferentes abordagens entre teologia e comunicação

Existem diversas maneiras de aproximar os campos teológico e comunicacional em um estudo. Do ponto de vista teológico, Daniel Felton buscou classificar as cinco principais abordagens entre teologia e comunicação: teologia e comunicação; teologia comunicativa; teologia sistemática da comunicação; teologia pastoral da comunicação; e a visão moral cristã da comunicação (FELTON, 2005, p. 75-102). Embora não reflita somente sobre a comunicação atual, acrescentamos nessas distintas relações a recente ciberteologia ou teologia digital.<sup>2</sup>

A primeira abordagem aproxima a teologia e a comunicação para um diálogo entre saberes, mas as mantém em campos separados, tomando apenas algumas teorias e métodos comunicativos como ferramentas para aplicação em estudos teológicos. Essa é uma visão reducionista da importância da comunicação na teologia muito recorrente. Para Martínez Diez, a questão fundamental seria:

[...] em que pode a comunicação humana contribuir para uma compreensão mais exata do discurso teológico e para uma melhor compreensão dos conteúdos da fé? Esta interrogação parte de um pressuposto elementar

da teologia: que a revelação cristã realiza-se através de mediações históricas. Dentre estas a comunicação tem um valor prioritário (MARTÍNEZ, 1997, p. 59).

Sendo assim, ao se escolher uma teoria da comunicação como base inicial para uma reflexão teológica, devemos, primeiramente, verificar que visão teológica está por trás desse paradigma de comunicação, isto é, que consequências teológicas estão implícitas no uso desse modelo de comunicação (FELTON, 2005, p. 82).

A segunda relação, denominada por Felton de teologia comunicativa, enfatiza a necessidade de buscar maneiras mais adequadas de comunicar a teologia. Por ser entendida como um discurso sobre Deus, a teologia deve ser vista tanto como um processo comunicativo quanto como um produto de uma comunicação simbólica. Portanto, a teologia comunicativa não é uma teologia da comunicação propriamente dita, mas é uma teologia voltada e orientada à comunicação, isto é, que visa resgatar a sua dimensão comunicativa e tornar-se facilmente comunicável e compreensível (FELTON, 2005, p. 83-85). Essa segunda classificação de Felton possui semelhanças e diferenças com a teologia comunicativa de Bernd Jochen Hilberath e Matthias Scharer que iremos aprofundar neste artigo mais adiante.

A terceira abordagem entre teologia e comunicação busca desenvolver uma reflexão teológico sistemática sobre os fenômenos comunicativos. Tendo como objeto de estudo a comunicação em si, a reflexão teológico sistemática da comunicação visa contribuir para uma compreensão mais profunda e holística da comunicação humana. O entendimento comunicativo implícito nos temas clássicos da teologia, busca-se estudá-lo sistematicamente de forma explícita, formando uma nova disciplina, tamanha é a importância da comunicação na fé cristã (FELTON, 2005, p. 85-86). Embora o estudo teológico-sistemático da comunicação esteja em fase inicial, ele é o que está mais subentendido pela expressão teologia da comunicação.

<sup>2</sup> O termo e conceito de "ciberteologia" ficou conhecido no âmbito católico pelas obras e conferências do jesuíta italiano Antonio Spadaro, já a expressão teologia digital tornou-se conhecida na teologia protestante em diversos países. Acreditamos que são áreas de estudo bem semelhantes que refletem sobre como o fenômeno da cultura digital afeta a vivência e a compreensão da fé, e também como a fé forma, modifica e influencia a cultura contemporânea e o modo de se comunicar e se relacionar na ambiência digital.



A quarta abordagem, a teologia pastoral da comunicação, dirige seu esforço a pensar teologicamente a prática comunicativa na pastoral, seja para resolver questões ou problemas trazidos pela comunicação, seja para criar planejamentos de comunicação para as diversas pastorais. Esse modelo está ligado especialmente à Pastoral da Comunicação, criada durante o Concílio Vaticano descrita no documento conciliar *Inter Mirifica*, que busca ser o elo comunicativo entre as diversas pastorais e ainda desenvolver planos e promover iniciativas de comunicação pastoral (*Inter Mirifica*, n. 21).

A quinta relação, a reflexão moral cristã da comunicação, é um olhar da teologia moral direcionado à comunicação que segue particularmente dois sentidos: a formulação de orientações para a prática da comunicação na Igreja e a reflexão sobre questões éticas que afetam a comunicação humana como um todo (FELTON, 2005, p. 93). A presença dessa preocupação em elaborar uma reflexão moral cristã da comunicação pode ser observada em todos os documentos eclesiais que tocam sobre o tema da comunicação direta ou indiretamente.

Acrescentamos à classificação de Felton a mais recente abordagem da relação entre teologia e comunicação, denominada ciberteologia ou teologia digital. É importante ressaltar que essa nova corrente teológica tem um horizonte de estudo mais abrangente que a comunicação em si, pois trata de refletir teologicamente sobre o fenômeno da cultura digital nascida das novas tecnologias de informação e comunicação. Acredita-se que esses novos hábitos de comunicação também modificam o modo de compreensão e vivência da fé cristã, assim como a fé cristã também influencia o jeito que essas tecnologias são pensadas e elaboradas.

Pela crescente demanda no meio católico por reflexões que expliquem essas transformações culturais, foi criada a ciberteologia por Antonio Spadaro, em 2012, que busca pensar a fé cristã nos tempos da rede (SPADARO, 2012). No círculo protestante, aparecem em um período próximo ao da ciberteologia, obras e reflexões teológicas com um objetivo semelhante, porém denominadas com o termo teologia digital. Acreditamos que a

ciberteologia e a teologia digital são praticamente sinônimos, apenas a primeira se popularizou no meio católico e a segunda no ambiente protestante. Uma possível diferença entre elas é que a ciberteologia focou seus esforços em pensar especialmente como a *internet* afeta nossa vida cotidiana e como ela modifica a compreensão e a comunicação das verdades clássicas da teologia sistemática; já a teologia digital, amplia seu espectro de estudo a outros fenômenos digitais contemporâneos, como a inteligência artificial, bem como analisa, à luz da fé, produtos culturais como *games* com conteúdo cristão ou o que muda em nossa experiência com a Palavra quando a Bíblia se torna um aplicativo.

A teologia digital protestante nasceu oficialmente em 2014, com a criação do *CODEC Research Centre for Digital Theology*, na Universidade de Durham, Inglaterra, com três linhas de pesquisa: instrução bíblica, cultura digital e pregação contemporânea (PHILIPS, 2019, p. 30). O campo da teologia digital faz parte da grande tenda das Humanidades Digitais que abarca todas as reflexões sobre o fenômeno digital realizadas nas diversas áreas das ciências humanas.

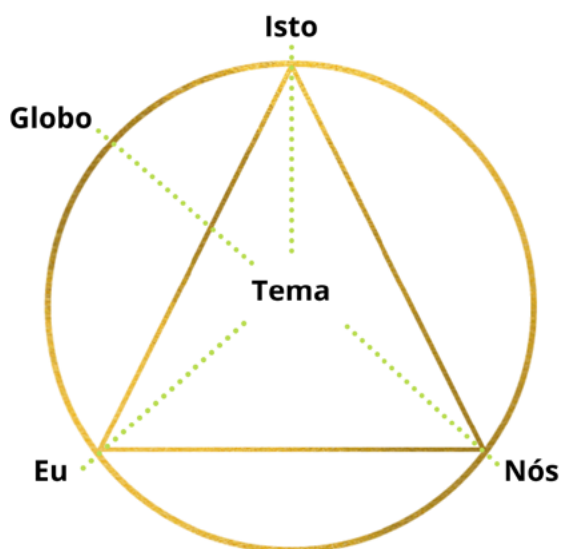
Dentre essas abordagens entre teologia e comunicação, escolhemos propor aos nativos digitais a teologia comunicativa. Criada pelos teólogos Bernd Jochen Hilberath e Matthias Scharer, e inspirada no método de Interação Centrada no Tema de Ruth Cohn, a teologia comunicativa está em sintonia com certos anseios da juventude digital.

#### 4 "Aprendizagem Viva": o método pedagógico de Ruth Cohn

Para se entender e trabalhar com teologia comunicativa, é necessário conhecer a sua origem. Basicamente, a teologia comunicativa iniciou como uma aplicação nas ciências teológicas do método de Interação Centrada no Tema desenvolvido pela psicoterapeuta Ruth Cohn. Ruth Cohn sempre priorizou o desenvolvimento humano em seu trabalho. Como judia alemã que fugiu do Nazismo, primeiro indo estudar em Zurich, depois casando-se e mudando-se para Nova Iorque,

a intenção de todo seu esforço intelectual em psicoterapia e educação foi trabalhar para que o Holocausto jamais se repita. A partir dos anos 1950, começou a criar uma técnica psicopedagógica de grupo que se tornou o seu principal legado: o método de Interação Centrada no Tema (ICT). Essa metodologia visa construir um processo vivo de aprendizagem<sup>3</sup> que trabalhe cada dimensão humana. O ICT se desenvolve através do planejamento dos encontros do grupo, moderação de atividades e interações, reflexão sobre ideias, questões, conflitos e opiniões que emergem na discussão, avaliação dos resultados de cada etapa e revisão do plano inicial. Este processo de aprendizado colaborativo se desenrola por meio de quatro dimensões: "Eu", "Isto", "Nós" e "Globo" (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2007, p. 35). O "Eu" representa a biografia de cada participante do grupo. "Isto" remete ao conteúdo ou à atividade ao redor da qual a interação ocorre, a fim de se encontrar o tema. O "Nós" é a consciência coletiva, isto é, a compreensão conjunta do grupo. Já o "Globo" abarca todo o contexto político, social, econômico, tecnológico, geográfico, seja fatores locais ou circunstâncias globais que podem influenciar as opiniões ou decisões do grupo.

**Figura 1** – Ilustração do método ICT



**Fonte:** Imagem retirada de FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2007, p. 37.

O método de ICT é geralmente ilustrado pela imagem de um triângulo dentro de um círculo (Figura 1). As dimensões "Eu", "Isto" e "Nós" formam os vértices do triângulo, enquanto o círculo representa a dimensão do "Globo" na qual os outros três fatores estão inseridos. O tema está no centro da figura, pois representa o ponto de convergência das quatro dimensões, encontrado pelo equilíbrio dinâmico entre elas durante o processo de interação do grupo.

Para se fazer um treinamento certificado de ICT deve-se procurar o Instituto Ruth Cohn. Infelizmente não há ainda nenhuma sede no Brasil, apenas em países europeus como Alemanha, Holanda, Bélgica, Áustria, Suíça e Hungria. O treinamento em ICT é mais procurado por profissionais interessados em liderança participativa nas áreas de administração, psicologia, educação, pedagogia, economia, sociologia e teologia.

De acordo com Scharer e Hilberath, na base do método de Interação Centrada no Tema está uma concepção de pessoa humana e ética muito próxima ao pensamento judaico-cristão (HILBERATH, 2008, p. 102). Para Angelika Rubner, o ICT tem como tripé interdisciplinar a psicanálise, a psicologia e a educação. Da psicanálise, Ruth Cohn trouxe a forma como se faz o diagnóstico e a análise linguística a fim de encontrar os temas em meio às interações que ocorrem durante o processo em grupo. A educação contribui para otimizar o aprendizado coletivo nos trabalhos grupais. A psicologia auxilia na descrição e na sistematização daquilo que vai acontecendo no grupo de acordo com os seus objetivos (RUBNER, 2017, p. 31). O método ICT se originou na psicanálise, mas na medida em que foi se desenvolvendo foi agregando elementos de uma psicologia humanizadora e voltando o seu foco de aplicação principal à educação.

Uma característica diferencial desse método é a liderança participativa, isto é, o líder do grupo não é um moderador neutro, mas alguém que além de observar e mediar, participa ativamente do grupo, dá a sua própria opinião e acolhe as ideias dos outros (RUBNER, 2017, p. 32-33).

<sup>3</sup> Living Learning.



O ICT segue dois postulados que delimitam seu campo de observação e análise. O primeiro é o "*chairperson*" que significa estarmos conscientes de nosso interior e exterior para percebermos que somos responsáveis por nós mesmos e pelos demais. O segundo é o postulado do distúrbio, ou seja, devemos estar atentos aos componentes emocionais do diálogo, a toda questão que perturba a harmonia do grupo ou gera discursos acalorados, portanto, observar os pontos de engajamento e resistência do grupo em um determinado assunto (RUBNER, 2017, p. 32).

São três axiomas que guiam a metodologia de Ruth Cohn: antropológico, ético e político-pragmático (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2007, p. 99-103). O axioma antropológico diz que o ser humano é uma unidade psicobiológica que faz parte do universo. Dessa forma, é um ser ao mesmo tempo dotado de autonomia e interdependência das pessoas e do ecossistema em que vive, ele tanto é livre quanto responsável pelo que acontece consigo e ao seu redor. O axioma ético é quase uma consequência do primeiro, pois afirma que se deve ter reverência e respeito a todas as coisas e tomar decisões que gerem condições para o crescimento humano e preservação da natureza. Através do axioma político-pragmático, Ruth Cohn expressou sua crença de que é possível expandir os limites interiores e exteriores condicionados para se deixar as escolhas mais livres. Nossa liberdade interior e exterior cresce na medida em que nossas condições básicas de desenvolvimento humano são garantidas: saúde, inteligência, segurança física, econômica e social, maturidade humana integral.

Ao longo de seu trabalho nos Estados Unidos e Europa, Ruth foi construindo um sistema de valores que preza pela cooperação e responsabilidade mútua pelo mundo, em um espírito de fraternidade universal. Com essa postura de parceria, empatia e aceitação do outro na relação terapeuta e cliente, professor e aluno, Ruth Cohn queria demonstrar que a cura ou a aprendizagem só poderiam acontecer em uma relação de reciprocidade forte e autêntica entre educador e educando, em uma atmosfera de segurança,

confiança e respeito mútuo, onde seja possível desenvolver a consciência crítica (REISER, 2017, p. 42). Ela acreditava também que a maturação da pessoa humana acontece nesse balanço dinâmico entre ser autônomo e dependente, fazer-se próximo e manter certa distância, estar ciente das moções interiores e exteriores, capacitando o ser humano a discernir as próprias escolhas. Assim, o ICT pode ser considerado um método educativo progressista e emancipatório (REISER, 2017, p. 43).

Para Marc Prensky, autor da expressão "nativos digitais", até o momento, a educação foi pensada com o objetivo de aperfeiçoar os indivíduos. Entretanto, ele acredita que a educação deve ser concebida no futuro com a missão de melhorar o mundo e ter como resultado natural o desenvolvimento humano nesse processo (PRENSKY, 2017, p. 10). Essa ideia tem ressonância com os trabalhos de Ruth Cohn e Paulo Freire que seguem uma linha pedagógica próxima. Ambos trabalhos tinham o intuito de proteger e desenvolver a dignidade, o senso crítico e o protagonismo da pessoa humana. Além disso, eles elaboraram pedagogias que levam em consideração a história pessoal e social de cada educando a fim de buscar "temas geradores", isto é, que gerem engajamento em prol de mudanças políticas e sociais. E ainda promoviam relações horizontais não hierárquicas de colaboração na construção conjunta do conhecimento entre professores e alunos.

A teologia comunicativa apropria-se criticamente do método ICT, fazendo uso de suas ferramentas de interação e planejamento de grupo, aplicando-o na teologia e na vida eclesial em perspectiva teológica. Assim, nessa transposição à teologia, o ICT transcende o significado de suas dimensões, níveis, axiomas e postulados, recebendo novos atributos, visão de mundo e horizonte de sentido (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2007, p. 43).

## 5 Teologia Comunicativa: uma cultura teológica para os tempos conectivos

Ao receber toda essa estrutura pedagógica humanizadora e geradora de vida presente no método de Interação Centrada no Tema, a te-

ologia comunicativa mostra-se como uma das melhores opções para se trabalhar com os nativos digitais, dentre as abordagens da relação entre teologia e comunicação citadas anteriormente. Vamos ver como se aperfeiçoou o método em sua absorção pela teologia.

A teologia comunicativa nasceu de uma demanda eclesial de se criar uma ponte entre a teologia e a vivência prática da fé. Nos anos 1990, Bernd Jochen Hilberath, professor de teologia sistemática da Universidade de Tübingen, e Matthias Scharer, teólogo prático da Universidade de Innsbruck, foram convidados a um debate sobre teologia dogmática e pastoral, no Instituto de Teologia Pastoral de Mainz, Alemanha (HILBERATH; SCHARER, 2008, p. 1). A partir daí, eles iniciaram uma cooperação de trabalho através de *workshops*, cursos de educação continuada e seminários de cinco dias unindo suas especialidades. Certas experiências em grupos transformaram-se em relacionamentos mais profundos criando uma identidade comunitária e trabalhos em comum. Dessas experiências, foi se formando o Grupo de Pesquisa Internacional de Teologia Comunicativa e foi publicado em 2002 o primeiro livro a respeito da Teologia Comunicativa em alemão (HILBERATH; SCHARER, 2002).

A Teologia Comunicativa compreende que o fazer teológico é fruto de um processo comunicativo. Scharer e Hilberath encontraram no método ICT de Ruth Cohn uma prática hermenêutica que tanto proporciona a presença ativa dos interlocutores no evento comunicativo quanto estimula o entendimento desse processo. Na metodologia normal esse evento ocorre dentro de um estudo individual gerando um tipo de resultado. Já na teologia comunicativa o fazer teológico acontece dentro da dinâmica de um processo comunicativo vivo entre os membros de um grupo, produzindo uma reflexão diferenciada pelo ponto de vista de diversos interlocutores (HILBERATH; SCHARER, 2008, p. 21). Uma das funções da teologia comunicativa é fazer com que o grupo pense, questione, crie e expresse opinião crítica sobre determinado assunto de interesse em comum e que gere engajamento

para uma busca de soluções e mudanças de atitude.

A teologia comunicativa, apesar de ter nascido em países de língua alemã, devido à localização de seus fundadores, não é uma teologia contextual, no sentido que pode ser realizada em grupos de qualquer contexto e refletir sobre qualquer tema relevante à vida de fé ou urgente no âmbito social do grupo. O que iniciou como uma mera aplicação do ICT no fazer teológico, superou sua formatação original e desenvolveu novos significados aos princípios e dimensões da metodologia de Ruth Cohn.

Por exemplo, o fator "Eu" do ICT é entendido na teologia comunicativa como a dimensão da experiência e da compreensão pessoal da fé. "Isto" transforma-se na dimensão do testemunho bíblico e conhecimento de outras tradições religiosas. "Nós" representa o grupo eclesial ou a experiência comunitária ao qual os interlocutores fazem parte. Por fim, o "Globo" simboliza todo contexto social e a experiência de mundo que afeta os membros do grupo. A teologia comunicativa acrescenta um quinto fator à reflexão: a autocomunicação de Deus e o mistério de Deus que vai além de todo o conhecimento tornado conhecido (ver Figura 2).

**Figura 2** – Ilustração dos fatores da Teologia Comunicativa



**Fonte:** Imagem baseada nas ilustrações de FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2007, p. 79, 87, 9

A Teologia Comunicativa desenvolveu três níveis de construção teológica: o primeiro e segundo, respectivamente, o envolvimento direto e a experiência e interpretação, ocorrem durante o processo interativo do grupo, o terceiro nível, a reflexão científica propriamente dita, se desenrola como consequência das etapas anteriores e pode ser feito com trabalhos individuais, em subdivisões do grupo ou novamente em plenária, produzindo obras ou iniciativas em conjunto (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2002, p. 75-81).

Também os princípios orientadores de Ruth Cohn são reformulados de acordo com a perspectiva cristã: o primeiro axioma afirma que os seres humanos são seres em relação à imagem do Deus Uno e Trino, dessa forma, são seres livres e ao mesmo tempo comprometidos uns com os outros. Através do princípio ético, a teologia comunicativa concebe todos os seres animados e inanimados como Criação de Deus, por isso se deve reverência e respeito a eles, em especial ao ser humano. O axioma político-pragmático é interpretado como a "limitação e expansão das fronteiras do desejo de Deus pela salvação universal da humanidade". Isso quer dizer que, no entendimento teológico, esse princípio não se preocupa apenas com a realidade finita da condição humana, mas também com a situação de pecado e graça que se encontra a humanidade. Portanto, a terceira proposição busca contribuir para uma estrutura de vida digna aqui na Terra a fim de se viver uma vida justa, livre e misericordiosa que será agraciada com a salvação eterna (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2002, p. 95-102). Por meio de todos estes princípios e dimensões a Teologia Comunicativa busca tocar e transformar a vida de quem dela participa. "Fazer teologia comunicativa significa perceber o mundo de hoje como ele realmente é e deixar-se ser tocado por ele" (FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE, 2002, p. 71).

A Teologia Comunicativa propõe um novo tipo de relacionamento entre os sujeitos da teologia. Educador e educandos não devem ser classificados como emissor e receptores, pois no processo teológico-comunicativo, todos os interlocutores

exercem dupla função de emissores e receptores (HILBERATH; SCHARER, 2008, p. 12). Isso se deve ao fato de que a Teologia Comunicativa considera relevantes fatores como o saber teológico presente na biografia de cada participante, bem como a cultura teológica do grupo em geral. Dessa forma, a TC envolve em seu processo interativo de interpretação a vida inteira de seus interlocutores (HILBERATH; SCHARER, 2008, p. 25). Essa relação de colaboração e reciprocidade são características fundamentais para se pensar uma proposta teológico-pedagógica à juventude em rede.

### **Conclusão: uma proposta de cultura participativa teológica para a juventude digital**

O jovem atual não sabe ser ovelha, emancipou-se, não sabe ser espectador, ele é protagonista de sua vida. Devemos encarar esse fato não como algo negativo, como uma rebeldia, mas como uma graça dessa geração que deseja transformação de si e da sociedade e como uma oportunidade de renovação pastoral e teológica.

Ao trazer o método psicopedagógico de Interação Centrada no Tema ao fazer teológico, a teologia comunicativa ilumina os princípios, dimensões e níveis de análise de Ruth Cohn à luz da revelação cristã, superando a simples aplicação do método, criando um processo teológico original. A proposta de produzir reflexão teológica não individualmente como o tradicional, mas comunitariamente, é uma grande contribuição à revitalização das ciências teológicas. A luta por construir uma cultura participativa do fazer teológico, atenta a todos os fatores que tocam a realidade das pessoas de um determinado grupo, está em sintonia com o apelo dos novos sujeitos eclesiais em tornar a teologia mais pública, aberta ao diálogo com a sociedade, relevante e geradora de vida.

A teologia comunicativa é uma das respostas a este desafio de trabalhar com o jovem para uma Igreja e uma sociedade mais justa e fraterna, para a construção de uma fé viva e sadia no período da juventude formando um ser humano melhor, capaz de assumir a sua responsabilidade sobre si mesmo e sobre os outros. A teologia comunicativa pode

inspirar novas práticas e formas de reflexão da fé em grupos e pastorais da juventude, especialmente pelas características comunicativas e pedagógicas de seu método inédito no Brasil até o momento.

A Teologia Comunicativa defende a premissa de que todo fiel é capaz de refletir sobre aquilo que acredita e busca viver. Sendo assim, é possível pensar a fé, isto é, fazer teologia, com a juventude atual através do diálogo em uma atmosfera de liberdade e partilha. Ao nos colocarmos não como "chefes", mas como parceiros nessa troca de saberes e experiências, em uma postura de escuta ativa, vamos construindo uma relação de respeito e confiança que aos poucos vai gerando frutos de conhecimento e comunhão.

## Referências

BENITO-OSORIO, Diana; PERIS-ORTIZ, Marta; ARMEN-GOT, Carlos Rueda; COLINO, Alberto. Web 5.0: the future of emotional competences in higher education. *Glob Bus Perspect*, International Network of Business and Management, IS. I., v.1, p. 274-287, May, 2013. <https://doi.org/10.1007/s40196-013-0016-5>

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Inter Mirifica*. Roma, 1963. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat\\_ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html). Acesso em: 28 de fev. de 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: CNBB, 2007 (Documentos da CNBB, 85).

CÔRREA NETO, Sebastião. *Juventudes e vocações hoje: caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional*. São Paulo: Paulus, 2013.

FELTON, Daniel J. The unavoidable dialogue: Five Types of Relationships between Theology and Communication. In: TRABER, Michael (ed.). *Communication in Theological Education: New Directions*. Delhi: ISPCK, 2005, p. 75-102.

FORSCHUNGSKREIS KOMMUNIKATIVE THEOLOGIE. COMMUNICATIVE RESEARCH GROUP. *Kommunikative Theologie. Selbstvergewisserung unserer Kultur des Theologietreibens. Communicative Theology. Reflections on the Culture of Our Practice of Theology* (KomTheolnt, 1/1). BerlIn: Lit Verlag, 2007.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit*. Roma, 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HILBERATH, B. J.; SCHARER, M. *Kommunikative Theologie: Eine Grundlegung*. Mainz: Matthias-Grünewald Verlag, 2002.

HILBERATH, Bernd Jochen. SCHARER, Mathias (org.). *The Practice of Communicative Theology: An Introduction to a New Theological Culture*. New York: The Crossroad Publishing Company, 2008.

MARTÍNEZ, F. D. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

MICHON, C.; NARCISSE, G. Lugares teológicos. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 1056.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PATEL, Karan. Incremental Journey for World Wide Web: Introduced with Web 1.0 to Recent Web 5.0 – A Survey Paper. *International Journal of Advanced Research in Computer Science and Software Engineering*, [S. l.], v. 3, Issue 10, p. 410-417, Out. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Karan\\_Patel7/publication/262562142\\_Incremental\\_Journey\\_for\\_World\\_Wide\\_Web\\_Introduced\\_with\\_Web\\_1\\_0\\_to\\_Recent\\_Web\\_5\\_0\\_-\\_A\\_Survey\\_Paper/links/5714688108aeebe07c0642da.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Karan_Patel7/publication/262562142_Incremental_Journey_for_World_Wide_Web_Introduced_with_Web_1_0_to_Recent_Web_5_0_-_A_Survey_Paper/links/5714688108aeebe07c0642da.pdf). Acesso em: 27 de fev. de 2020.

PHILIPS, Peter et al. Defining Digital Theology: Digital Humanities, Digital Religion and the Particular Work of the CODEC Research Centre and Network. *Open Theology*, [S. l.], v. 5, p. 29-43, 2019. <https://doi.org/10.1515/opth-2019-0003>

PRENSKY, Marc. *Education to Better Their World: Unleashing the Power of 21st-century Kids*. New York, NY: Hawker Brownlow Education, 2017.

REISER, H. The educational-pedagogical fundamentals of TCI. In: SCHNEIDER-LANDOL, Mina; SPIELMANN, Jochen; ZITTERBARTH, Walter (ed.). *Handbook of Theme-Centered Interaction (TCI)*. Göttingen, 2017. p. 40-44. <https://doi.org/10.13109/9783666451904.40>

RIBEIRO, Jorge Claudio. Bento XVI e a juventude: A partir dos discursos do papa nas Jornadas Mundiais da Juventude 2005-2011. *Revista Ciberteologia*, [S. l.], Ano VII, n. 36, p. 101-129, 2011. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/bento-xvi-e-a-juventude-a-partir-dos-discursos-do-papa-nas-jornadas-mundiais-da-juventude-2005-2011.pdf>. Acesso em: 03 de mar. de 2020.

RUBNER, A. *Psychoanalytic Foundation of TCI* In: SCHNEIDER-LANDOL, Mina; SPIELMANN, Jochen; ZITTERBARTH, Walter (ed.). *Handbook of Theme-Centered Interaction (TCI)*. Göttingen, 2017. p. 31-34. <https://doi.org/10.13109/9783666451904.31>

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Um novo mundo. In: BOGAZ, Antonio. *www.deus.com*. Petrópolis: Loyola, 2004. p. 43-58.

SERRES, M. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. Tradução: Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2012.

TAPSCOTT, Don. *A Hora da Geração Digital*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

---

### Aline Amaro da Silva

Mestra e doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre, RS, Brasil; graduada em Comunicação Social – Jornalismo; integrante do Grupo de Pesquisa Internacional de Teologia Comunicativa. Bolsista CAPES.

---

### Endereço para correspondência

Aline Amaro da Silva  
Rua Camaquã, 133, apto. 201  
Bairro Camaquã  
91910630  
Porto Alegre, RS, Brasil